

O USO DAS MÍDIAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE SÃO BORJA¹

Luiz Carlos de Santis Alves²
Maria Angélica Figueiredo Oliveira³

RESUMO

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa que buscou verificar o uso das mídias tecnológicas no ensino da geografia, nas escolas públicas do município de São Borja no Rio Grande do Sul. As mídias tecnológicas representam um extraordinário recurso didático para as aulas de geografia, porém, para que essa finalidade tenha êxito, é necessário o seu pleno domínio por parte dos educadores, tanto no que diz respeito à técnica quanto à metodologia. A maioria dos professores apresenta uma grande dificuldade para o trabalho com esse recurso pedagógico, pois possuem formação anterior à popularização das mídias digitais na escola e, também, pela falta de oferta para uma formação continuada adequada.

Palavras-chave: mídias; tecnologia; geografia; ensino.

ABSTRACT

This article is the result of a study aimed at verifying the use of media technology in the teaching of geography in public schools in São Borja, Rio Grande do Sul. Most teachers graduated before the popularization of technological media in school. The lack of a continuous and adequate supply creates great difficulty in working with this teaching resource. The media technology represent an extraordinary resource for teaching geography classes, however in order this tool can be really useful, teachers need to have the full control not only on the technology but also on the methodology of teaching. So it is a evident the necessity of teaching qualification to the fruitful use of new digital media.

Keywords: media; technology; geography; teaching.

¹ Artigo elaborado como pré-requisito para conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação – EAD – UFSM.

² Licenciado em geografia – URCAMP – São Borja, RS – Brasil; profsantis@yahoo.com.br

³ Formadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação – UFSM; mariaangelicafo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa, sobre a utilização das mídias no ensino da geografia na educação básica, nas escolas públicas do município de São Borja. Nesta pesquisa, analisamos a percepção dos professores de geografia sobre o tema, bem como a metodologia e as dificuldades encontradas para envolver as mídias no processo pedagógico. Também foram analisados, os subsídios disponibilizados pelas suas respectivas redes de ensino nos aspectos materiais e nos aspectos humanos, ou seja, de formação.

O município de São Borja localiza-se a noroeste do estado do Rio Grande do Sul, limitando-se com a República Argentina ao norte, mais precisamente com a cidade de Santo Tomé. Conforme consulta ao *site* do IBGE, sua população atual está estimada em 63.035 habitantes e sua rede escolar conta com trinta e quatro escolas públicas, divididas em estaduais, municipais e federais, que atendem a todos os níveis de ensino. As escolas estaduais estão subordinadas a 35ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação), as municipais a SMEC (Secretária Municipal de Cultura) e a federal ao MEC (Ministério da Educação).

Foi elencado como objetivo geral da pesquisa, a verificação de como as mídias estão sendo utilizadas no processo pedagógico, com ênfase nas aulas de geografia, em escolas públicas do município de São Borja, no Rio Grande do Sul. Como objetivos específicos, buscamos detectar limitações e possibilidades acerca do uso das mídias como instrumento pedagógico, verificar o nível de interesse das escolas em relação ao tema de estudo, determinar o percentual de profissionais habilitados para o uso das mídias no ensino da geografia, verificar a percepção do docente pelo tema, bem como suas aspirações e identificar as mídias mais utilizadas no ensino da geografia na área de estudo.

Para cumprir os objetivos destacados, adotamos a seguinte metodologia: após a revisão da literatura, elaboramos dois questionários distintos. O primeiro, aplicado aos supervisores escolares, teve a finalidade de analisar o envolvimento das escolas com o tema de estudo. Foram apresentados oito questionamentos, através de quatro perguntas objetivas e quatro perguntas descritivas. Para a tabulação das respostas descritivas foram criadas categorias de análise viabilizando assim a quantificação dos dados. As questões buscaram determinar a proposta da escola para a utilização das mídias e a infra-estrutura disponível para a operacionalização das atividades.

O segundo, destinado aos professores de geografia do ensino fundamental e médio, objetivou, de maneira geral, detectar o conhecimento dos professores no que diz respeito às novas tecnologias midiáticas e a aplicação destes recursos. Este questionário, elaborado com base nos conhecimentos adquiridos na revisão da literatura, foi composto de sete questões objetivas e oito questões descritivas. Um exemplo do questionário apresentado aos supervisores escolares, na tabulação dos dados, também foram criadas categorias de análise para as perguntas descritivas, possibilitando assim a quantificação destas. A aplicação deste instrumento teve grande relevância para a pesquisa, pois além de determinar os tipos de mídias mais utilizados nas aulas de geografia evidenciou as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores, bem como suas dificuldades e necessidades.

Os questionários foram aplicados a dez supervisores escolares e quinze professores de geografia, em dez escolas, para um universo de dezessete que possuem séries finais do Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio, portanto, que trabalham a disciplina de geografia. A escolha dos professores para aplicação do questionário foi realizada de forma aleatória, procurando atingir todos os turnos escolares. O número reduzido de professores questionados deve-se ao fato da carga-horária da disciplina de geografia, atualmente estar muito reduzida, três horas semanais no Ensino Fundamental e uma ou duas, conforme a escola, no Ensino Médio, desta forma, em alguns casos, apenas um professor atende a toda a clientela da escola.

A revisão da literatura, que fundamenta o estudo, foi exposta em dois momentos. No primeiro, estabelecemos as relações entre as mídias e o processo ensino aprendizagem. Realizamos um breve relato histórico da introdução das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) no sistema escolar brasileiro, destacamos a importância deste processo e situamos a posição dos professores nele. No segundo momento, procuramos estabelecer as relações específicas da ciência geográfica e as mídias, bem como o seu papel na construção e aquisição do conhecimento.

Após a aplicação dos questionários procedeu-se a tabulação e análise dos dados obtidos. Os resultados foram devidamente discutidos, com fundamentação na revisão da literatura realizada previamente. Desta forma, estabelecemos as relações entre o ensino da geografia e os diversos tipos de mídias, o que possibilitou a apresentação das conclusões atingindo o objetivo a que nos propomos.

Conforme o dicionário online Michaelis, mídia significa “qualquer material físico que pode ser utilizado para armazenar dados”. Devido à amplitude do termo, para fins da pesquisa, consideraremos mídia como meios de comunicação de massa. Dados e informações

são historicamente o ponto de partida para o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Entretanto, é fator determinante para o sucesso da aprendizagem, a manipulação adequada destes recursos.

As mídias, como recurso pedagógico, podem apresentar-se como uma ferramenta de grande utilidade, porém, quando utilizadas equivocadamente, tendem a ser um instrumento inócuo e até, em certos casos, nocivo ao processo de ensino. Cabe aos docentes, escolas e universidades avaliarem constantemente o processo de ensino-aprendizagem, este é pressuposto norteador do nosso trabalho.

É importante destacar que não fez parte dos objetivos da pesquisa a apresentação de soluções, ou encaminhamentos metodológicos para eventuais dificuldades verificadas por ocasião de sua conclusão. Porém, aspiramos que ao atingir os objetivos elencados pelo trabalho, seja útil no futuro, para essa possibilidade. A construção do processo educativo se faz na cooperação, é tarefa dos educadores, criarem mecanismos para o relacionamento destes instrumentos. Por isso, este trabalho apresenta-se como ponto de partida, pois como nos fala Castrogiovani (2001, p.47): “O desafio é descobrir, diagnosticar e aventurar-se em hipóteses que revelem segredos”.

O artigo está organizado da seguinte forma: A seção 2 – Mídias no processo de ensino – aprendizagem, faz um breve relato histórico, acerca da introdução das mídias digitais na educação brasileira e no ensino da geografia, destacando a importância das mesmas e a relação destas com os educadores; seção 3 – Análise e discussão, explicitamos, com o auxílio de gráficos, os resultados obtidos na pesquisa de campo; e finalmente, a seção 4 - apresenta as conclusões da pesquisa.

2. As mídias no processo ensino-aprendizagem

Mesmo a partir do conceito de mídia, genérico e abrangente, apresentado anteriormente, podemos inferir que o objetivo principal desta é a comunicação através da transmissão da informação. Entretanto, toda a informação transmitida, deve ser interpretada criticamente, uma vez que, possivelmente, está venha impregnada por uma determinada ideologia, falsidade proposital ou mesmo equívocos não intencionais. Sobre este aspecto Santos (2008) alerta-nos:

As mídias nacionais se globalizam, não apenas pela chatice e mesmice das fotografias e dos títulos, mas pelos protagonistas mais presentes. Falsificam-se os

eventos, já que não é propriamente o fato que a mídia nos dá, mas uma interpretação, isto é, a notícia (SANTOS, 2008, p. 40).

Auxiliado pela reflexão de Santos, mencionada acima, pode-se compreender a importância do trabalho com as mídias no contexto escolar. O professor, deve instrumentalizar o aluno, para que este, adquira a capacidade de refletir, questionar e contestar as informações que lhe são dirigidas através dos mais variados elementos midiáticos presentes no cotidiano. Essas habilidades, necessárias para adquirir a criticidade acerca das informações recebidas, podem ser desenvolvidas através da manipulação e processamento adequado das mídias como instrumento pedagógico.

De certa forma, as mídias sempre estiveram presentes no processo ensino-aprendizagem. Entretanto, com o extraordinário e rápido progresso destes sistemas de comunicação, principalmente com o advento e popularização da internet, estes instrumentos deixam de ter papel secundário na sociedade. A “Era digital”, na qual estamos inseridos é materializada pelas relações midiáticas. Compreender e dominar essas relações passa a ser essencial para viver bem na contemporaneidade. Diante disto, a escola tem a tarefa obrigatória de elevar a importância das mídias no contexto pedagógico, uma vez que sua importância na sociedade passou a ser aspecto determinante para o sucesso e bem estar dos indivíduos, como bem esclarece Prazeres (2009):

é dever da educação acompanhar novas tendências, e formar indivíduos preparados para lidar com a contemporaneidade e com o mundo cada vez mais interconectado, computadorizado, eletrônico e de linguagens cada vez mais cifradas por novos códigos que este cenário traz à cena (PRAZERES, 2009).

Em âmbito Nacional, as primeiras discussões da inserção das mídias na educação, remontam aos anos 30. Nesta época, um grupo de intelectuais brasileiros, como Cecília Meirelles, Afranio Peixoto, Anísio Teixeira, Roquette Pinto entre outros, elaboram o documento intitulado “O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. O documento continha uma proposta que apresentava novos rumos para a educação brasileira. Em um trecho, *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* afirma que: “a escola deve utilizar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a imprensa, o disco, o cinema e o rádio”. Da década de trinta até a atualidade, tanto as discussões como a inserção das mídias no processo educativo, foram uma evolução constante.

Quanto a aplicação das mídias digitais na área de ensino, conforme Moraes (1997), foram precursores, a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, que no início década de 1970, iniciaram a utilizar o computador em atividades acadêmicas nas ciências exatas. Na metade da mesma década, foi criada na UNICAMP, uma equipe interdisciplinar, com especialistas das áreas de computação, linguística e psicologia educacional, que deu origem as primeiras pesquisas sobre o computador na educação. Em 1981, foi promovido pelo MEC, na Universidade Federal de Brasília – UNB, em Brasília, Distrito Federal, o I Seminário de Informática na Educação. Em abril de 1997 foi lançado o Programa Nacional de Informática na Educação – PROINFO, considerado um marco na inserção da informática na educação. Este breve relato histórico da informatização escolar brasileira se faz necessário, uma vez que somente a partir deste processo, foi possível a incorporação dos modernos e revolucionários elementos midiáticos no ambiente escolar.

A implantação das mídias no processo ensino-aprendizagem adequadamente deve observar dois aspectos distintos. Os recursos materiais necessários, ou seja, escolas bem equipadas e a formação docente. O primeiro, já é uma realidade na maior parte do país, com maior expressão na região centro-sul, historicamente mais desenvolvida no setor econômico. Quanto ao segundo, visualiza-se os primeiros passos de uma longa caminhada. Neste desafio destaca-se o importante papel dos gestores de todos os níveis de ensino. Cabe a estes, motivar e viabilizar o acesso docente a cursos de formação continuada, especialização, debates e discussões internas, proporcionando a troca de experiências e socialização do conhecimento na área em questão. Feito isto, é necessária a implantação de projetos educativos efetivos, que afirmem o aluno como ator de uma aula dinâmica e interativa, enriquecida com toda a gama de recursos oferecidos pelas mídias. Conforme Moran (2003), “Um diretor, um coordenador, tem nas tecnologias, hoje, um apoio indispensável ao gerenciamento das atividades administrativas e pedagógicas”. Certamente, as tecnologias de que nos fala Moran (2003), incluem as TICs que por sua vez são consideradas mídias.

No que se refere aos professores, estes possuem nas mídias, o tão sonhado elemento motivador de suas aulas. Atualmente, modernos aparelhos de telefone celular, que já foram execrados do ambiente escolar e os próprios *games* (jogos eletrônicos), tidos como aspectos de dispersão do foco da aprendizagem, constituem mídias modernas que bem utilizados podem fazer grande diferença no sucesso do processo educativo. “Hoje em dia, programas de treinamento de empresas e aulas à distância estão cada vez mais adeptos a mecanismos como

os jogos voltados à criatividade para poder obter melhores resultados no ensino” nos fala (TUPY, 2010, p.10).

Entretanto, para que essas metodologias tenham o efeito desejado, é necessário que o professor tenha pleno domínio das novas tecnologias como um todo. Hoje, não basta que o professor seja um incluso digital, exige-se dele, a fluência digital, isto é, deve ter a competência de transformar e adaptar os recursos tecnológicos visando a sua prática pedagógica. De outra forma, corremos o risco de apenas camuflar o trabalho pedagógico com um falso “epitélio” tecnológico sem efeito prático. É o que nos sugere Barbero (1996) quando diz:

A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um heterogêneas, o entorno das TICs, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve o seu encanto (BARBERO, 1996, p.61).

A acessibilidade e o domínio das mídias, bem como das demais novas tecnologias integradas ao processo educativo deverá proporcionar a ressignificação da relação professor-aluno. As aulas se tornarão mais atrativas e interativas, motivando o aluno a construir conhecimento a partir da geração de um sentimento de autoria autônoma. Também as relações entre os diversos agentes do ambiente escolar tendem a melhorar qualitativamente, uma vez que a posição passiva do aluno é percebida por este como uma forma de agressão. Para que tudo isso se concretize, há um longo caminho a percorrer, muito trabalho a realizar e obstáculos a superar. Nas palavras de Correia (2005):

Democratizar o acesso a informação e ao conhecimento no contexto escolar apresenta-se como novo desafio para a educação e, ao mesmo tempo, é uma nova maneira de articular o aluno, o professor, a informação e o conhecimento (CORREIA, 2005).

2.1 As mídias no ensino da geografia

Na “Era digital”, a informação visual através de técnicas de animação computadorizadas e principalmente a interação vem ganhando cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas. Esta situação gera certa euforia nos alunos quando esses mesmos recursos são utilizados como instrumento pedagógico, do contrário, quando o professor

utiliza-se somente de ferramentas didáticas mais antigas, giz, lousa, textos impressos, livro didático, ocorre um desestímulo e apatia nos educandos.

A geografia é um ramo do conhecimento, e no Brasil, também uma disciplina obrigatória no currículo da Educação Básica, que se propõe, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, ampliação da capacidade dos alunos, de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos. Com uma breve e simples reflexão, constatamos a inviabilidade de realizar a determinação do Ministério da Educação, expressa no documento referido anteriormente, sem a utilização das diversas mídias presentes em nosso cotidiano.

A ciência geográfica, por ser uma área do saber dinâmica e essencialmente visual apresenta uma grande fertilidade para o uso das mídias como instrumento didático-pedagógico servindo para estimular o aluno a construir seu conhecimento mediado por técnicas atuais que também o preparam para a vida e o mundo do trabalho. Podemos ilustrar com as palavras de Voges e Loch (2008):

na era digital são as ferramentas da informática que vem chamando atenção dos alunos, sendo uma oportunidade do professor de geografia tornar o aprendizado divertido e vantajoso tanto para os alunos quanto para o trabalho docente (VOGES E LOCH, 2008).

A linguagem comunicativa visual, a mídia impressa (jornais, revistas, periódicos, livros), presta um excelente serviço ao ensino da geografia há muito tempo, entretanto, a nova linguagem multimídia digital deve ser considerada no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que apresenta novas características e elementos que fornecem ao usuário maiores possibilidades no processamento e exploração das informações, podemos confirmar utilizando as palavras de Faxina (2010):

A linguagem audiovisual tem códigos e lógicas próprias. Precisamos conhecê-la para entendê-la e ter, ai sim, uma consciência crítica do que ali está sendo tratado. Os trabalhos relativos a educomunicação podem nos ajudar a desenvolver esse aprendizado e contribuir para a prática escolar (FAXINA, 2010).

Com o advento das mídias mais recentes, tecnológicas e interativas, mídias mais tradicionais como jornais, revistas, fotografias, livros ilustrados, filmes, documentários, material sonoro, periódicos entre outros, estão ficando marginalizados do ambiente escolar, entretanto, é importante ressaltar, que estas mídias, bem utilizadas, dentro de um

planejamento adequado são tão importantes quanto as primeiras e podem ser de relevante importância na elaboração do conhecimento geográfico. Como bem salienta Moran (2007):

Estamos deslumbrados com o computador e a Internet na escola e vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, como se já estivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação (MORAN, 2007).

Atualmente, a escola em vários momentos tem se colocado como concorrente das mídias tecnológicas no que tange ao estímulo oferecido ao aluno, quando deveria, utilizar-se destas ferramentas para que o aluno, de uma forma prazerosa, consciente e crítica elabore e sistematize o conhecimento. Para que esse objetivo seja alcançado, devemos buscar alternativas para que o aluno encare a utilização interativa das mídias como um momento de diversão inserido no processo pedagógico como acontece, por exemplo, com as práticas esportivas na escola. Na fala de Trovo (2007): “Proporcionar situações de aprendizagem despertando o interesse pelo assunto com as novas tecnologias é um avanço que deve ser alcançado conjuntamente por todos os envolvidos no processo”.

A utilização adequada das mídias, principalmente as mídias de surgimento recente, no processo de aprendizagem, tanto da geografia como nas demais áreas do conhecimento, nos coloca diante de um desafio de alta complexidade. Neste sentido, é necessária a elaboração de mecanismos de aferição e diagnóstico dos trabalhos desenvolvidos para que se encontrem propostas adequadas eficazes que realmente proporcionem resultados satisfatórios condizentes com os objetivos propostos pelos sistemas de educação. Como nos fala Ferreira (2008) “As tecnologias por si só, não são capazes de promover as transformações necessárias, mas podem proporcionar através de propostas bem elaboradas a formação de pessoas competentes, habilidosas”.

3. Análise e discussão

Para Morin (2000, p.36), o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido.

A tabulação e análise dos questionários utilizados como instrumento de pesquisa permitiram as considerações apresentadas a seguir.

Inicialmente, foi aplicado o questionário aos supervisores escolares. A supervisão escolar é responsável pela manutenção das teorias pedagógicas seguidas pela escola, bem como a orientação e instituição de estratégias de formação continuada ao corpo docente, relacionadas a questões pedagógicas. Também é atribuição da supervisão o planejamento e implantação de projetos pedagógicos abrangendo todas as áreas do conhecimento. Diante disto, foi imprescindível a participação deste segmento escolar na pesquisa.

Os supervisores escolares questionados possuem graduação em pedagogia e ou, especialização na área de supervisão escolar. Pois esta é uma orientação da Secretaria Estadual de Educação – SEC. O Gráfico 01, apresentado logo abaixo, mostra que os supervisores escolares, quanto à formação acadêmica, dividiram-se em dois grupos: os que possuem apenas graduação, grupo minoritário e os especialistas, grupo majoritário. Nenhum supervisor escolar referiu possuir nível mais elevado de formação acadêmica, entretanto, em se tratando de escolas públicas, onde os docentes possuem menor motivação para a busca de aperfeiçoamento, consideramos satisfatório o percentual de especialistas, titulação mínima que deveria ser exigida para um cargo de coordenação.

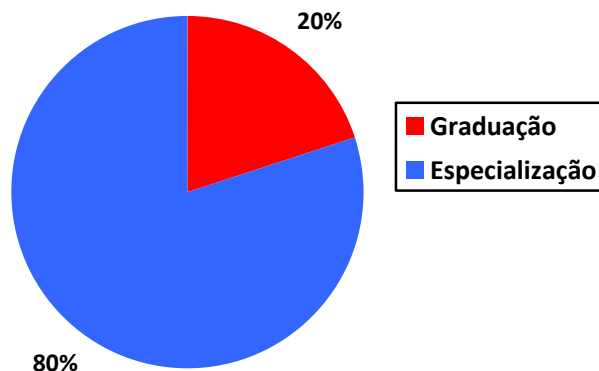


Gráfico 01 – Formação Acadêmica dos Supervisores Escolares questionados.

Quanto a Rede de Ensino, a qual os supervisores escolares estão locados, a tabulação dos questionários mostraram um relativo equilíbrio. Quarenta e quatro por cento estão locados na Rede Estadual e cinquenta e seis por cento na Rede Municipal. Muitos profissionais atuam nas duas redes, entretanto com funções diferentes, geralmente com regência de classe em uma

e a supervisão escolar na outra. Entretanto, responderam o questionário como supervisores escolares. Este item está representado no Gráfico 02 logo abaixo.

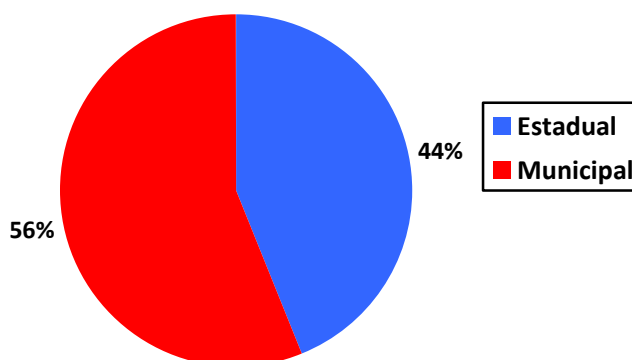


Gráfico 02 – Rede de Ensino de locação dos Supervisores Escolares

O Gráfico 03, apresentado a seguir, resultou do questionamento quanto ao tempo de exercício no magistério. Este dado mostra que metade dos supervisores escolares questionados está a mais de vinte anos no magistério, trinta por cento entre dez e dezenove anos, e um grupo minoritário composto por vinte por cento tem até nove anos de serviço. Essa situação pode configurar um problema, já que em geral, professores em final de carreira apresentam maior resistência a mudanças e já não buscam inovações, além de possuírem menos familiarização com as novas mídias.

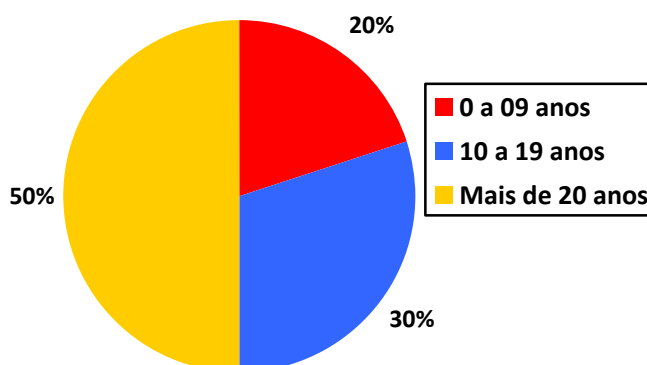


Gráfico 03 – Tempo de exercício no magistério dos supervisores escolares.

Sobre a jornada de trabalho dos supervisores escolares, os dados nos mostram que a maioria, setenta por cento, cumpre jornada de trabalho de quarenta horas semanais, e um grupo menor cumpre jornada de vinte horas semanais. O que nos permite avaliar preliminarmente que não ocorre uma sobrecarga de trabalho com os profissionais questionados. Os dados mencionados constam no Gráfico 04.

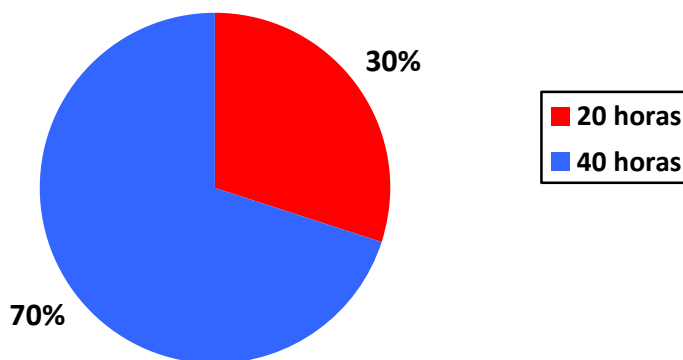


Gráfico 04 – Jornada de trabalho dos supervisores escolares.

A coleta dos dados apresentados nos gráficos 01, 02, 03 e 04 são relativos, respectivamente, a formação acadêmica, Rede de Ensino a que está locado, tempo de exercício no magistério e jornada de trabalho dos supervisores escolares foram importantes para estabelecer a relação destes e o envolvimento das escolas com projetos envolvendo as mídias. Esses aspectos serão discutidos a seguir, junto à apresentação de novos dados.

Quando os supervisores escolares são questionados sobre como as escolas oferecem formação para o docente utilizar as mídias em sala de aula os dados obtidos, mostrados no Gráfico 05, merecem bastante atenção. Metade dos profissionais afirma que as escolas não fornecem nenhum tipo de formação. Trinta por cento afirma que a formação é oferecida por meio de cursos ministrados no Núcleo de Tecnologias Educacionais – NTE, da 35ª Coordenadoria Regional de Educação – CRE e vinte por cento refere que a formação ocorre através de discussões por ocasião das reuniões pedagógicas. Neste caso devemos considerar

que as oficinas e cursos oferecidos no Núcleo de Tecnologias Educacionais são realizados no horário de trabalho dos professores, pois a maioria trabalha quarenta horas semanais, estes não recebem dispensa para frequentar as atividades, logo, a participação fica inviabilizada.

Quanto às discussões nas reuniões pedagógicas, é humanamente impossível oferecer algum tipo de formação de qualidade, pois estas ocorrem quinzenalmente, no tempo de duas horas/aula, onde são tratados assuntos pedagógicos de toda a ordem. Diante disto, podemos concluir que na prática as escolas não oferecem nenhum tipo de formação para o trabalho pedagógico com a utilização das mídias. Esta situação constitui-se em um grande obstáculo a ser superado. Viana (2000) nos fala que:

A escola tem a obrigação de estar atualizada com o mundo exposto diariamente aos alunos, seja via TV, internet, jornais, rádio... A informação atual, com o advento da internet não pode mais ser controlada por uma elite ou por acidentes geográficos, precisamos trazer essas informações para a sala de aula e transformá-las em nossa matéria-prima (VIANA, 2000, p.109).

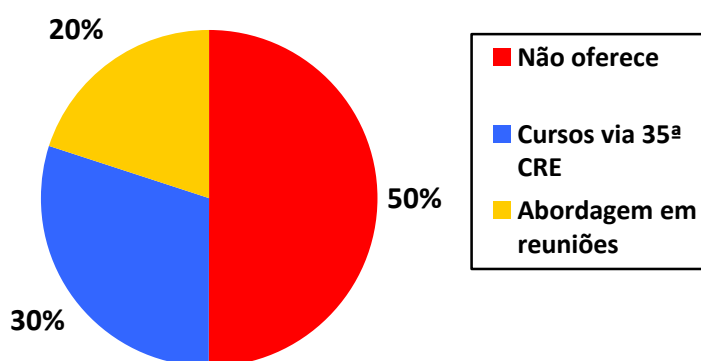


Gráfico 05 – Oferta de formação docente para o trabalho pedagógico com as mídias.

A pergunta número dois, do questionário destinado aos supervisores escolares, refere-se a presença de alguma proposta para o uso das mídias, presente no Plano Político Pedagógico da Escola – PPP está representada no Gráfico 06. Notamos que oitenta por cento dos entrevistados responderam que não há uma proposta explícita, mas que o PPP trata da questão de maneira difusa, sugerindo aos professores a utilização das mídias como instrumento pedagógico e reconhecendo a importância das mesmas no processo educativo. Já vinte por cento dos entrevistados respondeu que o PPP da escola não contempla nenhuma

referência ao trabalho com mídias. Ao analisar este dado, detecta-se outra deficiência da escola: a ausência de propostas objetivas para a utilização das mídias no ambiente escolar.

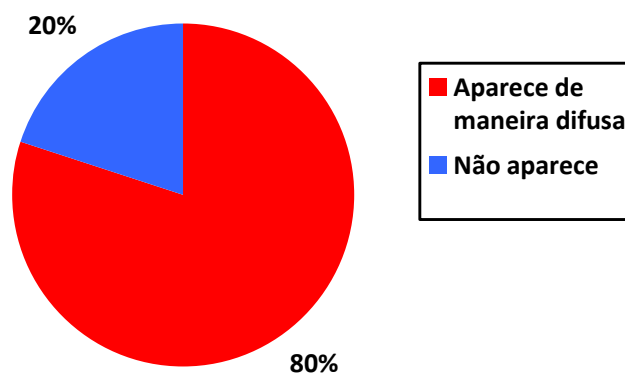


Gráfico 06 – Presença de proposta para o uso das mídias no PPP da escola.

Além dos questionamentos aos supervisores apresentados anteriormente, mais duas perguntas foram realizadas, porém não foi gerado gráfico para estas. A terceira pergunta refere-se aos tipos de mídias disponibilizadas pela escola aos professores. A mídia mais citada foi a internet, seguida do DVD, jornais e revistas respectivamente. A quarta pergunta do questionário, questiona se a escola possui algum profissional com habilitação específica para o uso das mídias. Neste caso, para cem por cento dos entrevistados a resposta foi negativa. Estas duas questões merecem atenção, pois serão relacionadas com dados obtidos no segundo questionário, aplicado aos professores de geografia, que será analisado a seguir.

A partir deste momento, analisaremos os dados obtidos no questionário número dois aplicado aos professores de geografia. Sempre que possíveis estes dados serão relacionados com os discutidos anteriormente, gerados a partir do questionário número um, destinado aos supervisores escolares. O professor não deve trabalhar isoladamente, apesar de ter autonomia didática e metodológica, estas deverão estar em consonância com a proposta da escola. O Plano Político Pedagógico é que deve nortear o trabalho docente.

Dos professores entrevistados, sessenta e nove por cento atuam na rede de ensino estadual e trinta e um por cento na rede municipal, como mostra o Gráfico 07. Destacamos que as escolas da rede estadual são maiores, possuindo maior número de alunos, desta forma abrigam mais docentes, neste caso, em algumas escolas estaduais foram entrevistados mais de

um professor de geografia, enquanto que nas escolas municipais, encontramos apenas um por escola.

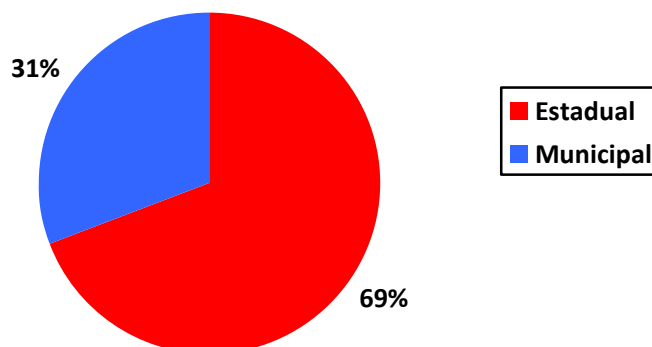


Gráfico 07 – Rede de ensino a que pertence os professores entrevistados.

Quanto à formação acadêmica, cinquenta e três por cento dos professores questionados, referiu possuir somente a graduação enquanto que os outros quarenta e sete por cento realizaram pós-graduação em nível de especialização. Não observamos nenhum professor com formação acadêmica superior ao nível de especialista. O Gráfico 08, apresentado abaixo nos mostra essa situação.

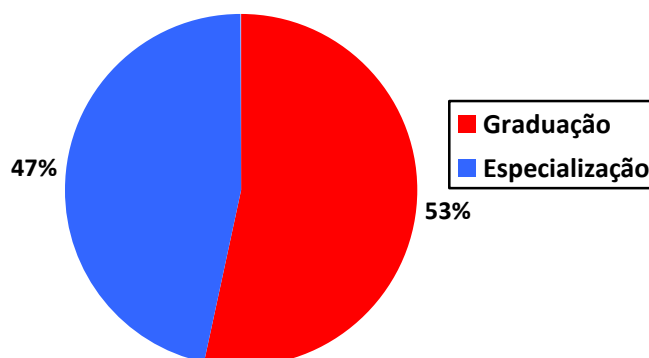


Gráfico 08 – Formação acadêmica dos professores de geografia entrevistados.

No que diz respeito ao tempo de exercício no magistério, sessenta por cento dos professores possuem entre dez e dezenove anos de serviço, vinte por cento entre zero e nove anos e outros vinte por cento possuem mais de vinte anos exercendo a profissão. Essas constatações nos sugerem que as escolas analisadas precisam investir com agilidade na formação de seus professores, uma vez que a maioria destes, a principio, ainda tem um longo tempo de trabalho até a aposentadoria. Com isso, não queremos dizer que professores, em final de carreira formal, não precisam de formação continuada, entretanto, como já discutimos anteriormente, estes apresentam maior dificuldade de motivação dada às circunstâncias. Os dados referentes encontram-se no Gráfico 09.

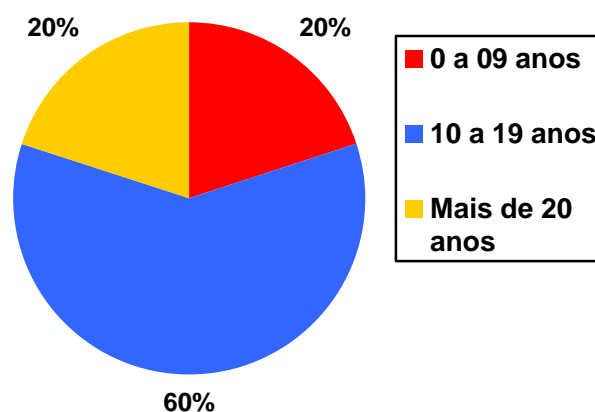


Gráfico 09 – Tempo de exercício no magistério dos professores entrevistados

Ao analisarmos a jornada de trabalho dos professores entrevistados, presente no gráfico 10, constatamos que a maioria, sessenta e sete por cento, cumpre jornada de quarenta horas semanais, vinte por cento cumpre jornada de trinta horas semanais e a minoria, treze por cento cumpre vinte horas semanais. Através dos dados, podemos julgar que a maioria, não possui, a principio, tempo hábil para preparar aulas mais complexas, utilizando as mídias com profundidade e adequadamente. Segundo Leão e Leão (2005, p.98) “a qualidade das aulas que envolvem a aplicação do material produzido pela mídia depende de um maior tempo dedicado a sua preparação”.

Entretanto os outros dois grupos que juntos somam trinta e três por cento, não são atingidos por este problema. Logo, se possuírem uma formação adequada, poderão desenvolver um bom trabalho com o uso da mídia na escola.

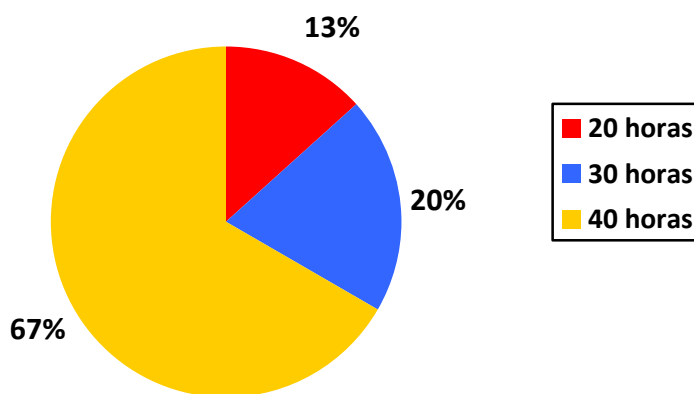


Gráfico 10 – Carga horária semanal cumprida pelos professores entrevistados.

Referente à abordagem das mídias no processo ensino-aprendizagem, o gráfico 11, oitenta por cento dos professores questionados considera muito relevante, treze por cento considera pouco relevante e sete por cento não respondeu a pergunta. A relação destes dados com os discutidos através do Gráfico 06 nos sugere uma pouca participação dos professores na elaboração e atualização da proposta pedagógica das escolas.

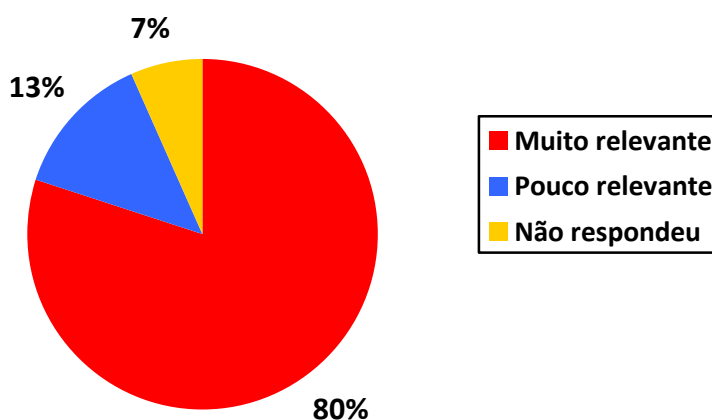


Gráfico 11 – Percepção dos professores quanto a importância das mídias no ensino da geografia.

O Gráfico 12, gerado a partir do questionamento quanto à frequência da utilização das mídias no ensino da geografia, mostra que sessenta por cento dos professores utiliza estes instrumentos com frequência, enquanto quarenta por cento utiliza raramente. Notamos que a maioria dos professores já incorporou as mídias a sua prática pedagógica, entretanto, é fundamental ter muito cuidado com essa análise. Neste caso, passa a ser mais importante, analisar de que forma estas ferramentas estão sendo usadas. Por isso cabe aos gestores educacionais dar atenção ao que nos fala Belloni (2005):

Se é fundamental reconhecer a importância das TICs e a urgência de criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem a sua integração à educação, é preciso também evitar o deslumbramento que tende a levar ao uso mais ou menos indiscriminado da tecnologia por si e em si, ou seja, mais por suas virtualidades técnicas do que por suas virtudes pedagógicas (BELLONI, 2005).

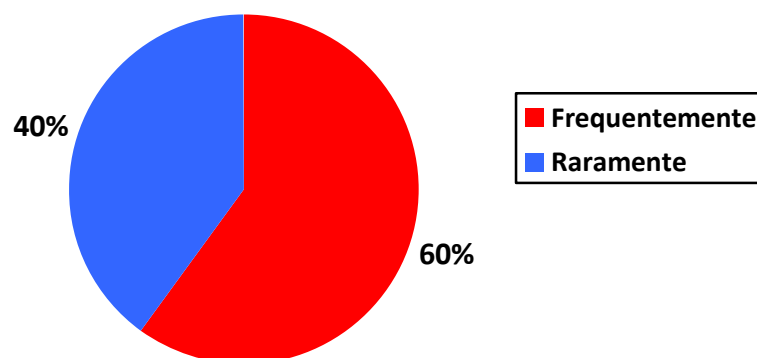


Gráfico 12 – A utilização das mídias em sala de aula pelos professores de geografia.

Quando perguntados sobre o tipo de mídias utilizadas nas aulas de geografia, os professores citaram em primeiro lugar os jornais, em segundo lugar a internet e, respectivamente, filmes e revistas. Diante da imensa variedade de possibilidades pedagógicas oferecidas pela internet e considerando que todas as escolas pesquisadas possuem laboratório de informática com conexão a rede mundial de computadores, a análise deste item nos indica a dificuldade dos professores em utilizar esta mídia e a conseqüente falta de formação na área. Observamos os dados no gráfico 13:

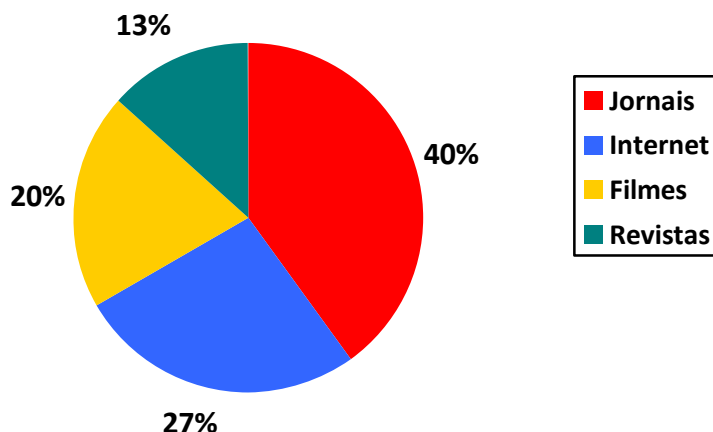


Gráfico 13 – Tipos de mídias utilizadas nas aulas de geografia.

A pergunta número cinco do questionário direcionado aos professores objetivou verificar com que objetivo utilizam as mídias nas aulas. Analisando o gráfico 14, abaixo, constata-se que trinta e oito por cento fazem uso das mídias para a fixação dos conteúdos trabalhados, trinta e sete por cento, um percentual praticamente igual, utiliza para motivar os alunos e vinte e cinco por cento para contextualizar temas de interesse da disciplina. Destaca-se, aqui, que todos os objetivos mencionados pelos professores possuem relevância e as mídias podem, sim, serem usadas para tais finalidades. Entretanto, nenhum mencionou o objetivo mais importante, o de oferecer ao aluno a possibilidade de autoria, de inferência crítica, com a devida mediação do professor, pois o material midiático não está “pronto” como instrumento pedagógico, este requer um planejamento prévio e por vezes adaptações. Nas palavras de Leão e Leão (2005, p. 31): “A informação pode ser um produto dos grandes meios de comunicação de massa, e da sociedade global, mas sua interpretação deve ser local”.

Ainda sobre a questão, Gaia (2001) nos fala que:

Ao usar a mídia em seu cotidiano, o educador tem em mãos assuntos diversificados que permitem contemplar discussões sobre a sociedade na qual estamos inseridos. Com a internet, esta percepção se radicaliza, pois torna possível o contato com qualquer cidadão do mundo. Entendemos que o aluno que participa dessa discussão pode perceber muito melhor a importância do ensino público e gratuito, por exemplo, consciente de que se trata de um de seus direitos como cidadão. Pode também fazer relações e inferências sobre as muitas diferenças entre as realidades dos países, percebendo que as questões econômicas e políticas estão no centro do problema (GAIA, 2001).

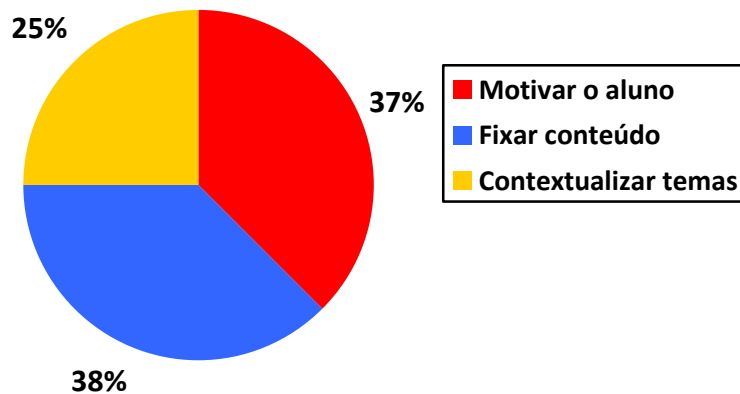


Gráfico 14 – Objetivo do uso das mídias nas aulas de geografia.

Questionados sobre o tipo de formação para o trabalho com as mídias na educação, quarenta e sete por cento dos professores entrevistados afirmam possuir apenas formação empírica, vinte por cento possuem cursos de extensão na área, outros vinte por cento referiu que a formação que possuem foi adquirida em palestras e afins e o restante, treze por cento, procura a interação sobre o assunto realizando leituras em livros, artigos e reportagens. Os dados gerados por este questionamento, expostos no Gráfico 15, evidenciam que apesar das dificuldades, os professores buscam a qualificação na área. Esse aspecto torna-se muito importante, pois a abertura para o aprendizado, para o novo, já consistem em um grande avanço rumo ao êxito. Como cita Grossi (1998, p. 69) “A formação dos professores tem o mesmo suporte teórico que a aprendizagem dos alunos. Isto é, o da continuidade perene da atividade de aprender, para os humanos”.

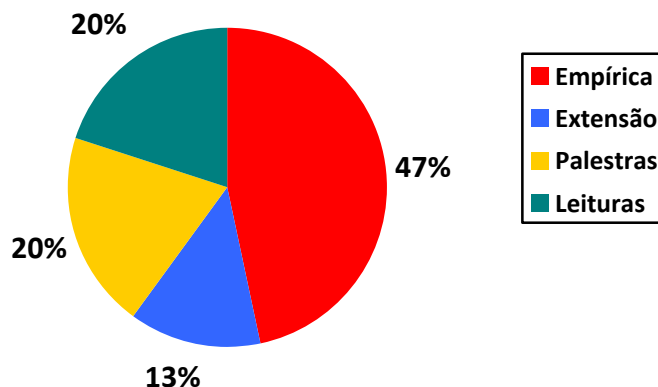


Gráfico 15 – Tipo de formação dos professores para o trabalho com mídias.

Sobre as dificuldades encontradas para o trabalho com mídias em sala de aula, os dados apresentados, no Gráfico 16, mostram que treze por cento dos questionados encontram dificuldades materiais, trinta e três por cento dificuldades técnicas e cinquenta e quatro por cento, a maioria, refere sentir dificuldades metodológicas. As dificuldades técnicas aparecem, principalmente, nas escolas estaduais pela ausência de profissionais capacitados nos laboratórios de informática, presentes em todas as escolas. As dificuldades metodológicas, exclusivas do professor, evidenciam novamente a deficiência nos programas de formação das instituições educacionais.

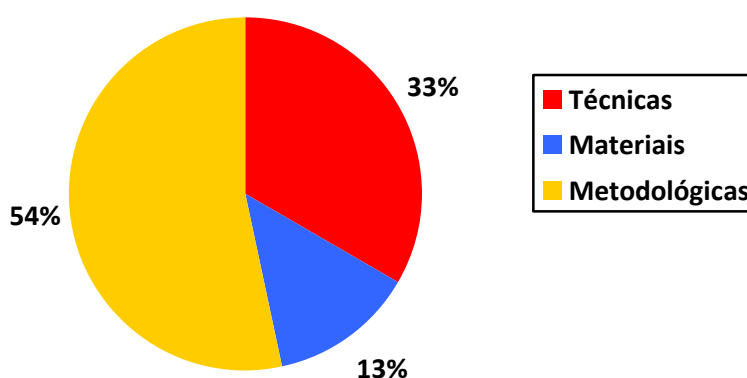


Gráfico 16 – Dificuldades para a utilização das mídias no ensino da geografia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de investigação realizado no estudo demonstrou que as escolas inseridas na área de estudo encontram-se bem equipadas para o trabalho com as mídias. Todas as escolas investigadas, através dos supervisores escolares e professores de geografia, possuem laboratórios de informática conectados à internet, sendo esta a mídia mais completa, dinâmica e interativa da atualidade. A situação pode ser considerada um privilégio para a região, uma vez que sabemos que em nosso país existem áreas onde a educação pública sofre com extrema carência de recursos materiais.

Entretanto, evidenciamos que esses recursos materiais não estão sendo explorados em um nível desejado para o ensino da ciência geográfica. A internet, por exemplo, mesmo estando disponível em todas as escolas e sendo unanimidade que é a mídia **digital** mais completa para o ensino da geografia ficou em segundo lugar no que diz respeito ao uso pelos professores, atrás do jornal, uma mídia considerada tradicional e mais limitada quanto ao uso pedagógico. Isto decorre, em razão de dois fatores principais: a tímida presença de propostas para o seu uso por parte das escolas e a falta de formação adequada dos professores. Também, entendemos que a ausência de técnicos em informática nos laboratórios da rede estadual é fator de inibição para o uso deste recurso, uma vez que aumenta o grau de insegurança do professor.

As escolas, apesar de demonstrarem interesse pela utilização nas mídias no processo educativo, ainda não conseguiram operacionalizar de maneira satisfatória, as bases para esse novo processo. De maneira geral, os Planos Político Pedagógicos não contemplam ao menos orientações claras ao corpo docente acerca do assunto. Também, não há por parte das escolas um programa ou planejamento para a indispensável formação do professor. As oficinas e mini-cursos, oferecidas pelo Núcleo de Tecnologia Educacional estadual local, são opcionais e superficiais e na maioria das vezes inviáveis aos professores que não são dispensados do trabalho. A rede municipal, não oferece esse tipo de formação. Esses aspectos, em muito contribuem para a subutilização do rico material midiático no contexto escolar.

Os professores de geografia sentem-se despreparados e inseguros diante da utilização das mídias. Possuem dificuldades, principalmente, de ordem metodológica. Muitos se sentem constrangidos pelo fato dos alunos possuírem um domínio técnico mais amplo. Poucos

entendem que os alunos, por terem nascidos já em uma cybercultura possuem, sim, maior familiarização e desenvoltura com as TICs, entretanto, não sabem utilizá-las como fonte de mediação e construção do conhecimento. Neste sentido, o papel do professor torna-se extremamente importante, para orientar o aluno na seleção e discussão das fontes, na utilização ética da tecnologia, na potencialização da autoria entre uma infinidade de mediações possíveis. Ao mesmo tempo, o professor pode ir adquirindo domínio técnico das TICs através do conhecimento e auxílio dos alunos. Esta é uma troca saudável, produtiva e possível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, J. M. **Cidade Virtual: Novos Cenários da Comunicação**. Revista Comunicação & Educação n 11. São Paulo: Moderna, 1996, p.53-67.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia educação**. Disponível em: http://books.google.com/books?id=M8ymArfMU-4C&printsec=frontcover&dq=o+que+%C3%A9+m%C3%ADdia-educa%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-BR&ei=fq6oTKCAHIH7lwfSrKyvDg&sa=X&oi=book_result&ct=book-thumbnail&resnum=1&ved=0CDUQ6wEwAA#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 11 abr. 2010

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos (Org.). **Geografia em sala de aula – práticas e reflexões**. 3ª edição, Porto Alegre RS: Editora da Universidade/UFRGS, 2001. 197 p.

CORREIA, Edvania S. **As mídias no contexto escolar**. Disponível em: <http://www.meuartigo.brasilecola.com/educacao/as-midias-no-contexto-escolar.htm>. Acesso em: 12 mar. 2010

FREITAS, Eduardo. **Temas atuais usados no ensino da geografia**. Disponível em: <http://www.educador.brasilecola.com/orientacoes/temas-atuais-usados-no-ensino-geografia.htm>. Acesso em: 06 abr. 2010.

GAIA, Rossana V. **Educomunicação & Mídias**. Disponível em: http://books.google.com/books?id=e68NvAujL48C&printsec=frontcover&dq=educomunica%C3%A7%C3%A3o+%26+m%C3%ADdias&hl=pt-BR&ei=Aa6oTNKCBcb_lgfcYWtDA&sa=X&oi=book_result&ct=book-thumbnail&resnum=1&ved=0CC4Q6wEwAA#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 12 abr. 2010

GROSSI, Esther Pillar e BORDIN, Jussara (Org.). **Paixão de Aprender**. 9ª edição, Petrópolis – RJ: editora Vozes, 1992. 262 p.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino da geografia**. 2ª edição, Santa Cruz do Sul-RS: Editora Edunisc, 1998. 146 p.

LEÃO, Vicente de Paula e LEÃO, Inêz de Carvalho. **Ensino de geografia e mídia – Linguagens e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte MG: Argumentum, 2005. 144p.

MICHAELIS. Moderno dicionário da Língua Portuguesa online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN**. Ensino Fundamental. 166 p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia – Pequena história crítica**. 14ª edição, São Paulo SP: Hucitec, 1997. 138 p.

MORAN, José Manuel. Como utilizar as tecnologias na escola. **Tecnologias na Educação**, Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm. Acesso em: 12 mar. 2010.

_____. As Mídias na educação. **Tecnologias na Educação** Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm. Acesso em: 12 mar. 2010.

_____. Desafios da televisão e do vídeo na escola. **Tecnologias na Educação**, Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm. Acesso em: 12 mar. 2010.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Brasília DF: Cortez, 2000. 118p.

PRAZERES, Michele. **As mídias e os espaços educativos: qual a relação?** Disponível em: <http://www.anj.org.br/p,e/biblioteca/artigos/as-midias-e-os-espacos-educativos-qual-relacao> Acesso em: 15 mar. 2010

REGO, Nelson. SUERTEGARAY, Dirce e HEIDRICH, Álvaro. **Geografia e Educação – Geração de Ambiências**. 1ª edição, Porto Alegre – RS: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. 124 p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. 16ª edição, Rio de Janeiro – RJ: Record, 2008. 175p.

TUPY, Francisco. A Era dos Games. Como usar os Games eletrônicos como um método interativo de ensino de geografia. **Conhecimento Prático – Geografia**. 2010

VOGES, M. S.; LOCH, R. E. N. Diagnóstico do uso da mídia eletrônica interativa por professores de geografia do 3º e 4º ciclo escolar em Florianópolis – SC. Disponível em: <http://www.labtate.ufsc.br/images/usodemediaelectronica-magnun.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2010.